

ALMA LUMINESCENTE: AULAS DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.

Loriana da Silva Iung - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente relato disserta sobre a experiência de uma docente em formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, vivida com uma turma de terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Piratini, localizado no bairro Auxiliadora na cidade de Porto Alegre, onde aulas de Arte Indígena Contemporânea culminaram em um projeto apresentado no sarau que a escola realiza anualmente há 20 anos. Esta experiência foi possível através do Programa de Residência Pedagógica, no primeiro semestre de 2023, que coloca estudantes de licenciatura em contato com o cotidiano de escolas.

Palavras-chave: Arte Indígena Contemporânea. Programa de Residência Pedagógica. Artes Visuais. Fotografia.

Este texto tem por objetivo apresentar uma experiência docente em Artes Visuais ocorrida no contexto do Programa de Residência Pedagógica, no qual os Cursos de Licenciatura em Artes da UERGS são participantes. A realização deste trabalho tem a orientação acadêmica realizada pelo Prof. Dr. Eduardo Guedes Pacheco, Prof. Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Enquanto estudante de graduação do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, cursando o último semestre antes do Trabalho de Conclusão, iniciei a minha atuação no programa no primeiro semestre de 2023 e aos poucos fui me aproximando do cotidiano da escola-campo[1]. Segundo a CAPES,

> O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura[2]. (CAPES, 2018).

[1] Escolas públicas de educação básica habilitadas para participar do programa.
[2] https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica

Nesse sentido, a residência aproxima licenciandas(os) do cotidiano escolar. Diferentemente dos estágios em docência, os residentes não assumem turmas e fazem um trabalho em conjunto com suas preceptoras[3].

O Colégio Estadual Piratini,[4] o Pira, como é carinhosamente apelidado pela comunidade escolar, é uma Instituição de Ensino Médio que adotou o sistema de turno integral em 2017. A escola promove há cerca de 20 anos, uma Mostra Cultural que ocorre no mês de julho, antes do período de recesso escolar, na qual estudantes e docentes se mobilizam para, durante cerca de quatro dias, realizar apresentações nas diversas linguagens artísticas, tendo protagonismo nas criações e contando com o auxílio e orientação de professoras da área de Linguagens[5].

Neste primeiro semestre fui para a escola uma vez por semana, acompanhando, principalmente, as aulas de Literatura da turma de terceiro ano 3C. Eles estavam estudando a Semana de Arte Moderna de 1922 através da obra Macunaíma de Mário de Andrade e, em um determinado momento, houve a discussão sobre as figuras indígenas e a modernização desenfreada presente na obra. Nesse momento, surgiram comentários estereotipados acerca dos povos indígenas, tais como a inocência dessas pessoas quanto ao uso da tecnologia e o desinteresse em plantar em terras doadas pelo governo. Ao final dessa aula, eu e a preceptora Fernanda Moreno conversamos sobre o assunto na sala dos professores e comentei que existem artistas indígenas que falam do uso da tecnologia, dentre outros temas, em seus trabalhos e que poderia preparar uma aula sobre isso. Em comum acordo, dei uma primeira aula na semana seguinte. Para este dia preparei um *slide* sobre algumas obras do artista Denilson Baniwa em que ele aborda o uso das tecnologias digitais e eletrônicas por indígenas, um vídeo[6] com cinco artistas indígenas para conhecer e um PDF com espaços para completar com informações após a aula. Logo

[3] Professor(a) da escola de educação básica responsável por acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas.
[4] Localizado em Porto Alegre/RS, na rua Eudoro Berlink, 632 - Bairro Auxiliadora.
[5] Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a área de Linguagens é composta pelos componentes de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física.
[6] vídeo “5 artistas indígenas para seguir”. Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=PfWPZgwRvho&ab_channel=vivieuvi

no início da aula, pedi para que escrevessem suas opiniões referente a indígenas e o uso de tecnologias em uma folha de flip chart. Depois, passei o vídeo dos cinco artistas e perguntei se alguém conhecia algum deles e todos disseram que não. Finalizei com os slides das obras do artista Denilson Baniwa[7].

Imagem 01: primeiro dia de aula



fonte: foto feita pela preceptora; acervo pessoal.

Ao final do período, a preceptora Fernanda me convidou para continuar a trabalhar com o tema na próxima aula. Então aproveito a oportunidade e apresento o artista Jaider Esbell, figura central na difusão da Arte Indígena Contemporânea dentro do campo das Artes Visuais. Coincidentemente, Jaider tem um trabalho que se chama “Meu avô Makunaima” e que faz um paralelo com a obra de Mário de Andrade. Então preparei para esta aula slides falando sobre o Jaider, sua importância e algumas obras da coleção “Meu avô Makunaima”.

[7] Obras apresentadas na aula: “Cunhatain”, “Awá uyuká kisé, tá uyuká kurí aé kisé irü” , “Curumim” e “Nheengaitá”. Acesso em: https://www.premiopipa.com/denilson-baniwa/

Imagem 02: segundo dia de aula



fonte: foto feita pela preceptora; acervo pessoal.

Os estudantes gostaram muito da visualidade das obras. Para a minha surpresa, houve uma participação e grande atenção por parte dos alunos. Novamente a preceptora me convida a continuar o assunto na próxima aula. Então, arriscando perder a atenção da turma, resolvi levar um pequeno documentário do artista Paulo Desana[8]. O vídeo apresenta muitas falas sobre o que estávamos discutindo em aula, também mostrei um mapa com diversas etnias que estiveram presentes no Brasil Indígena: História, Saberes e Ações, ação realizada pelo Ministério da Cultura - MinC, em parceria com a Funai, com a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e SESC[9]. Com receio de que achassem desinteressante assistir um vídeo de meia hora, pedi para que fizessem anotações sobre o documentário e me entregassem. Novamente para a minha surpresa, não vi ninguém no celular. Percebi interesse e atenção por parte da turma quanto ao vídeo. Na semana que se sucedeu após essa aula, a

[8] https://www.youtube.com/watch?v=Sp_Z__kB0rw&t=504s&ab_channel=InstitutoCulturalVale

[9] 3 eventos em São Paulo, com foco na participação indígena no âmbito da elaboração e implementação de políticas públicas voltadas à proteção, promoção, fortalecimento e valorização das culturas indígenas, entre os dias 08 e 16 de agosto de 2015. Acesso em: https://www.facebook.com/cidadaniaediversidade/photos/mapa-ind%C3%ADgenaveja-quais-etnias-est%C3%A3o-presentes-no-brasil-ind%C3%ADgena-hist%C3%B3ria-saber/775347909255287/?paipv=0&eav=Afb8TjjaG8S9Nbp3DQxFec0VH4t4G2rS5HkHftG7R3rPw-KFtrNgiA6UiVlcOj52VAk&__rdr

preceptora me pediu para continuar, pois os alunos gostaram muito das fotografias do Paulo Desana[10] que apareceram no documentário e gostariam de fazer um trabalho inspirado nele para a Mostra Cultural da escola, com data para ocorrer entre os dias 12 e 18 de julho de 2023. Fiquei muito feliz com a notícia e então planejei a próxima aula.

Na quarta aula sobre o tema, deixei um tempo maior para discutirmos sobre o que tínhamos visto até então. Levei duas imagens de obras de arte para refletirmos sobre a figura do indigena na história da arte, 'Moema'[11] e 'Primeira Missa no Brasil'[12], ambas do pintor Victor Meirelles. Nesta aula discutimos sobre o que é cultura, sobre como que o indígena foi retratado nas obras de Meirelles e na diferença de narrativa quando são os próprios indígenas que estão falando sobre suas culturas. Também era objetivo desta aula, organizar os interesses e pesquisas para o Sarau. A turma havia gostado bastante dos grafismos nas fotografias de Paulo Desana. Para dar seguimento às pesquisas para o Sarau, combinamos de pesquisar sobre os grafismos do povo Mbyá Guarani é uma das quatro etnias predominantes no Rio Grande do Sul. Cabe mencionar que esta etnia tem forte presença na cidade de Porto Alegre. As aulas seguintes foram totalmente dedicadas para a organização da apresentação na Mostra Cultural. A turma se engajou e foi atrás de lâmpada de luz negra, tinta neon, pincéis e demais materiais para a montagem de uma cabine fotográfica que possibilitasse um resultado fotográfico próximo ao trabalho que Paulo Desana realizou.

[10] Fotografias de Paulo Desana. Acesso em: https://www.obrasdarte.com/fotografo-indigena-revelacao-paulo-desana-participa-de-exposicao-online/
[11] Moema - Victor Meirelles, 1866. Acesso em: https://artsandculture.google.com/asset/moema/XAGkidat7Mljng?hl=pt-br
[12] Primeira missa no Brasil - Victor Meirelles, 1860. Acesso em: https://artsandculture.google.com/asset/first-mass-in-brazil-v%C3%ADtor-meireles/IQFUWbm_Wu1XaA?hl=pt-br

Imagem 03: cabine fotográfica.

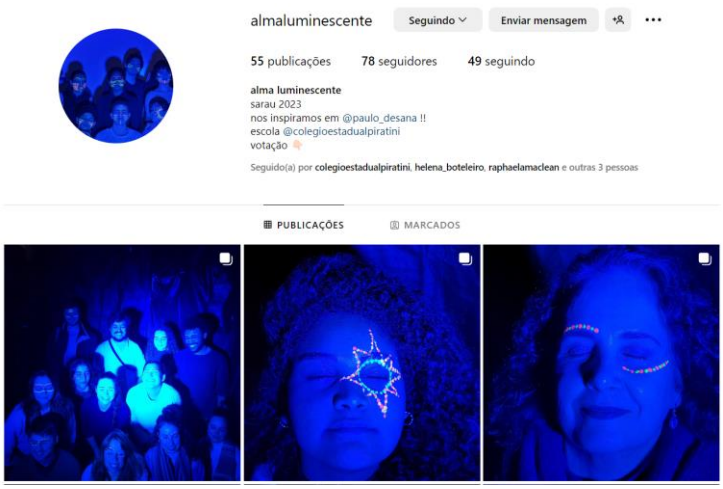


Fonte: fotografia da turma por Isabella da 3C, no dia 14 de julho de 2023.

Para os dias da Mostra Cultural, a turma fez uma pequena exposição do lado de fora da cabine com fotos impressas que fizeram nos dias de teste das fotografias. As mesmas fotografias foram para uma página de Instagram[13], criada especialmente para a atividade, pois as pessoas que participassem da proposta teriam suas fotos publicadas no perfil e seriam mencionadas na publicação. O artista Paulo Desana foi marcado na descrição do perfil, além de visualizar a publicação, o artista repostou a página, dizendo estar muito feliz com a iniciativa. Dentro da cabine fotográfica havia um espaço com tintas e uma cadeira onde os participantes se acomodavam, recebiam uma breve explicação sobre o trabalho, visualizavam um PDF com grafismos Mbyá Guarani e seus respectivos significados especificados logo abaixo de cada imagem. As pessoas podiam escolher algum dos grafismos e/ou criar os seus para ser pintado no rosto ou em alguma outra parte visível do corpo. A cabine teve um número expressivo de participantes e a cada pessoa que chegava, era nítida a empolgação e o engajamento da turma na hora da explicação.

[13] https://www.instagram.com/almaluminescente/

Imagem 04: página do instagram.



Fonte: https://www.instagram.com/almaluminescente/

Estava previsto para o dia 18 de julho a premiação da Mostra Cultural. Nosso projeto foi premiado na categoria Fotografia.

Imagem 05: premiação no sarau.



Fonte: foto realizada por professores; acervo pessoal.

Considerações finais

A docência não depende apenas da figura do/a professor/a, nem tão somente é responsabilidade dos estudantes, mas é um trabalho feito em conjunto, em comunidade e para a comunidade. Tem o planejamento dos conteúdos para as aulas, o engajamento dos alunos, a colaboração da direção da escola, as condições financeiras e estruturais dependendo de qual for a ideia. A docência pode ser um campo de improviso, nesse caso entendido como um lugar no qual a criação pode acontecer no tempo presente, a partir dos elementos, conhecimentos e conteúdos que compõem a aula para que possa acontecer, mas não há como improvisar sem ter repertório e o Programa me proporcionou experiências docentes que marcaram o período de formação em que me encontro, bem como acrescentou um grande repertório para minhas práticas futuras.

Referências:

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.